

Aprendizados de segurança e higidez da tropa em uma área de operações da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL)

Vladimir Medeiros Costa*

Roderik Yamashita**

Introdução

O conflito entre as Forças de Defesa de Israel (FDI) e as forças paramilitares existentes na parte Sul do Líbano, notadamente do Hezbollah, dos grupos jihadistas e dos infiltrados do Hamas, gerou aprendizados relacionados à segurança e à higidez das tropas na área de operações da UNIFIL no Líbano, que lá permanece não como contendora, mas como tropa interposta para arrefecer a tensão sob a égide do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA). As Forças Armadas do Líbano (FAL) vinham atuando em coordenação e cooperação com o componente militar da UNIFIL, a fim de contribuir com esse objetivo.

O conflito teve início em 7 de outubro de 2023, após um ataque considerado terrorista por suas características, coordenado por grupos paramilitares do Hamas contra localidades israelenses, e continua até os dias atuais, já com perspectivas de se chegar a um acordo de paz no corrente ano.

A posição do contingente brasileiro, com sete militares do Exército Brasileiro (EB), está desdobrada na área de operações da Brigada Espanhola, dentro do Setor Leste, com sede do quartel-general em Marjayoun, entre o rio Litani, a norte, e a *Blue Line*, ao sul. No total, são mais de 10.000 militares desdobrados de cerca de mais de 48 países contribuintes em toda a área de operações da UNIFIL.



Figura 1 – Mapa do desdobramento das tropas da UNIFIL
Fonte: United Nations (p. 3, 2024, modificada pelo autor)

* TC Inf (AMAN/2003, EsAO/2012, ECEME/2019). Foi observador militar e oficial de ligação com as forças militares turcas na UNFICYP, no Chipre, em 2016/2017 e sênior do contingente brasileiro e oficial de operações aéreas na UNIFIL/2023. Atualmente, é instrutor na Escola de Inteligência Militar, em Brasília/DF.

** Maj Inf (AMAN/2005, EsAO/2013, ECEME/2022). Atualmente, é sênior do contingente brasileiro e oficial de operações aéreas na UNIFIL.

O contingente brasileiro entrou na missão em 2014, por meio de um Acordo Técnico entre os Ministérios da Defesa da Espanha e do Brasil. Com isso, o EB passou a enviar sete militares a cada seis meses para integrar o Estado-Maior (EM) da Brigada Multinacional do Setor Leste da missão, sob comando de um general de brigada espanhol.

As Resoluções do Conselho de Segurança da ONU nº 425 e nº 426, de 1978, estabeleceram o início da missão. Já o mandato que renovou a missão e permitiu a entrada da Espanha foi a Resolução do Conselho de Segurança da ONU nº 1.701, de 2006, com base no Capítulo VI, da Carta das Nações Unidas. A última renovação ocorreu por meio da Resolução nº 2.749, de 2024.

Frente a essa realidade que se impôs sobre a área de operações da UNIFIL, o cenário apresentava características próprias dos conflitos contemporâneos, com muita tecnologia envolvida, notadamente nas funções de combate *fogos* (como de lançadores de mísseis de longo alcance com precisão por parte do Hezbollah e pelas FDI) e *inteligência* (por meio do uso de sistemas aéreos remotamente pilotados ou, por assim dizer, *drones*, além de fontes de dados de satélites, notadamente por parte das FDI).

Dessa maneira, muitos aprendizados podem ser retirados dessa empreitada, e serão analisados os de segurança de pessoal e os de higidez das tropas do Setor Leste da área de operações da UNIFIL sob conflito, destacando exemplos que possam bem caracterizá-los e oferecendo reflexões para o EB.

Aprendizados de segurança de pessoal

A preparação prévia para proteger-se dos bombardeios

Desde a fase de preparação na Espanha, antes de partir para o Líbano, os militares do contingente brasileiro receberam instruções sobre

o plano de segurança – chamado de “*Blue Porcupine*” – a ser acionado na Base Militar Miguel Cervantes no Líbano. Na execução da missão, havia, também, treinamentos periódicos de ocupação dos abrigos, chamados de *bunkers*, o que favoreceu a efetiva ocupação dos locais seguros pelo componente militar quando se iniciaram os conflitos, servindo de aprendizado para futuros contingentes do EB.

Os chamados *bunkers* são abrigos coletivos de pessoal com estruturas semicilíndricas e podem ser postos na superfície ou no subbsolo, onde se abrigavam os integrantes das bases ou das posições da ONU dentro da área de operações da UNIFIL. Eles eram reforçados com proteção de sacos aramados, preenchidos com pedra e areia, além de estruturas internas de concreto sobre o teto do abrigo e sobre as laterais, o que, em tese, proporcionava estrutura sólida e resistente a impactos e aos estilhaços de granadas explosivas.

A necessidade de estabelecer planos de segurança eficientes

O referido plano de segurança foi testado várias vezes como sistema de alarme em cinco idiomas (inglês, espanhol, árabe, chinês e sérvio) e continua sendo largamente empregado como medida preventiva contra riscos. Após seu acionamento, ocorria a chamada *bunkerização* (termo utilizado para designar que todos os militares e civis da base, incluindo o pessoal do Centro de Operações Táticas, ocupassem os abrigos para se protegerem dos fogos e de seus efeitos). O emprego do plano foi eficiente, prevenindo e diminuindo incidentes e acidentes com os recursos humanos, sendo uma referência para futuros desdobramentos de contingentes brasileiros em missões de paz.

O estabelecimento de níveis de alerta bem definidos

A criação de níveis de alerta estabelecidos e acordados entre as FDI e a UNIFIL foi outro ensinamento útil. Na ligação com as forças israelenses, que avisavam sobre suas ações, podia-se estabelecer o nível adequado de alerta para as bases militares, coordenado pelo Centro de Operações Táticas da Brigada.

A condicionante inicial era que todos os militares da base deveriam estar sob alerta, usando capacetes e coletes durante as 24 horas do dia. Particularmente, os chefes de seções eram obrigados a estar armados e aos demais isso era concedido de forma voluntária no nível 3 de alerta. No momento da atividade física, das refeições e do uso dos banheiros, era permitido retirar o colete, o capacete e a arma, que deveriam ficar encostados em lugar sob as vistas do militar que os retirou.

Os três níveis de segurança ajustados eram os seguintes: 1. todos deveriam ficar com capacetes, coletes e armas (conforme o caso) com as atividades operacionais normais; 2. todos os militares da UNIFIL deveriam estar com capacetes, coletes e armas, sem a realização das atividades

operacionais normais; e 3. todos os militares da UNIFIL deveriam estar com capacetes, coletes e armas, sem atividades operacionais normais e dentro dos *bunkers* para se protegerem dos bombardeios.

A importância da preparação para proteção individual

Desde a preparação e durante a execução da missão, os militares do contingente brasileiro receberam instruções sobre o uso das armas distribuídas, como fuzis e pistolas, sendo essencial o aprendizado de manter-se sempre armado durante a fase de conflito como medida de proteção individual, pois poderia haver invasões à base por grupos paramilitares com o objetivo de realizar ataques contra o pessoal da UNIFIL por motivos diversos. Durante os momentos de ocupação dos *bunkers*, a segurança da base era reduzida ao mínimo, pois, praticamente, todos os militares e civis, com exceção de uma equipe da Polícia do Exército, ficavam dentro dos abrigos. A pistola distribuída podia ser conectada ao próprio colete, sendo essa uma boa prática identificada.



Figura 2 – Fogos realizados à retaguarda próxima da Base Miguel de Cervantes
Fonte: Costa (2023)

A construção de novos bunkers e melhoria dos já existentes

Novos *bunkers* tiveram que ser construídos para maior segurança nas bases militares desdobradas na área de operações da UNIFIL. Outros tiveram que ser aperfeiçoados e manutenidos

pelo componente militar de engenharia. Isso demonstra a importância das tropas de engenharia para esse tipo de situação em operações de paz, devendo ser providas de meios adequados para essa atividade de construção e manutenção de tais abrigos, além de serem consideradas essenciais para futuros desdobramentos.



Figura 3 – *Bunker* visto de fora

Fonte: Brasil (2023)



Figura 4 – Entrada de um *bunker*

Fonte: Brasil (2023)

A necessidade de aperfeiçoar materiais operacionais de proteção individual

O uso contínuo de materiais operacionais de proteção individual (colete e capacete) salienta a necessidade de o equipamento permitir mobilidade e proteção. Destacaram-se coletes de outros países na missão, como os da França, Espanha e Indonésia, os quais ofereciam mais mobilidade aos usuários. Estes protegiam a parte central do corpo, deixando as laterais e os ombros mais livres para a movimentação do militar. A Espanha, particularmente, provia coletes adaptados às características torácicas do segmento feminino do seu contingente, sendo boa prática a ser considerada por futuros contingentes desdobrados do EB.

Quanto ao capacete, a sugestão é o uso do “OPS CORE”, que já integra o “kit COBRA” do combatente brasileiro, devendo ser pintado na cor azul padronizada, com as letras da ONU na mesma fonte de escrita, pois existe uma uniformidade a ser seguida pelos operadores de paz.

Ficou clara a importância da atualização de materiais de emprego militar de proteção individual mais adequados e com prazo de validade atualizado, que permitam mais mobilidade, como, por exemplo, para sacar uma arma e atirar com maior eficiência. O Programa Estratégico do Exército (PEEx) de Obtenção da Capacidade Plena (OCOP) pode observar esse exemplo como uma oportunidade de aperfeiçoar tais materiais da Força Terrestre (F Ter).



Figura 5 – Coletes do Exército da Espanha e da França
Fonte: Costa (2023)

Indispensável uso de inibidores de sinal na base e nas viaturas

O uso de inibidores de radiofrequência – chamados de *Jammers* – dentro das bases militares e das viaturas de transporte em geral servia tanto para impedir comunicações indesejadas (em frequências que não eram permitidas pelo equipamento) por atores externos à UNIFIL, como, também, para impedir possível acionamento de detonadores de explosivos por radiofrequência, aumentando a proteção dos recursos humanos e servindo de boa prática para futuros contingentes brasileiros e para aquisição junto aos programas estratégicos do EB.

A utilidade dos radares para monitorar veículos aéreos não tripulados

Os radares ou sistemas de vigilância e de alerta da missão realizavam o monitoramento e a busca de dados no domínio aéreo da área de responsabilidade da UNIFIL para prover a segurança dos recursos humanos desdobrados. Eles serviam de alerta para as tropas, pois conseguiam identificar a maioria dos sobrevoos (UAVS, SARPS, VANT, aeronaves e outros), disparos e lançamentos de projéteis (granadas de artilharia, granadas de morteiro, mísseis e foguetes), gerando acionamentos necessários para os planos de segurança de ocupação dos *bunkers*.

Isso demonstra que os ambientes dos conflitos contemporâneos já contam com meios tecnológicos como *drones*, no domínio aéreo, como algo normal, o que torna a função de combate *fogos* mais eficiente, sendo uma realidade a ser buscada para atualizar a Doutrina Militar Terrestre, a Indústria Nacional de Defesa e os PEEx, notadamente o ASTROS, a Defesa Antiaérea e o Sistema de Monitoramento das Fronteiras (SISFRON).

A indispensável ligação com as FDI e as FAL

O estabelecimento de ligação da UNIFIL com as forças militares israelenses e libanesas foi um aprendizado, pois gerava a antecipação da adoção de medidas de proteção de pessoal. Tal ligação ocorria por meio de oficiais de ambos os lados, e as informações eram repassadas para os centros de operações táticas (COT) das bases militares, permitindo o abrigo de forma antecipada em algumas oportunidades. Tal boa prática serve como referência para a doutrina militar de operação de paz, que deve adotar esse procedimento como regra em situações similares.

A imprescindibilidade de centro de operações com proteção contra fogos

Outro ensinamento foi o da verificação de que pelo menos o COT deve ser construído como um *bunker*, com estrutura de concreto que garanta a proteção adequada aos membros do EM, que mantêm o comando e controle ativo da missão para acionar os planos de segurança de pessoal quando necessários. Os referidos membros tinham que se abrigar, gerando, inicialmente, ausência de comunicações com o escalão superior.

Com o decorrer da missão e com o conflito em continuidade, outro aprendizado foi que o comando da Brigada Multinacional do Líbano (BRILIB) teve que aperfeiçoar os *bunkers* com estrutura mínima de meios de tecnologia, comunicação e informática, para funcionarem como um COT alternativo. Não havia, no entanto, como reunir todo o EM para assessorar a tomada de decisões, o que significava que o comando tinha que decidir sem ter a plena consciência situacional e a desejada superioridade das informações.

A utilidade de instruções de segurança de pessoal

Outro ensinamento foi que a BRILIB conduziu instruções de cuidados contra “munições de fósforo branco” de forma preventiva, por ter havido indícios de que esse tipo de munição estava sendo utilizado dentro da área de operações

do Setor Leste da UNIFIL. Isso pode ser considerado um crime de guerra dentro do âmbito do Direito Internacional dos Conflitos Armados e aprendeu-se que os efeitos dessa munição, em contato com os olhos e com a pele, causam danos irreversíveis, queimando a carne e os ossos, podendo gerar a morte. Isso é mais um aprendizado para futuros contingentes brasileiros.



Figura 6 – Munições de fósforo branco dentro da área de operações da UNIFIL

Fonte: Grupo Entre Guerras do Telegram (2023)

Importância de identificação das bases militares com a abreviatura da ONU

Uma vez que o componente militar da ONU desdobrado é protegido pelo DICA, sendo considerado crime de guerra qualquer ato contra seu pessoal, é importante que as posições da ONU sejam identificadas com o nome *United Nations* ou sua abreviatura UN na parte superior dos telhados das bases.

Por ocasião do início do conflito, os referidos nomes ou abreviaturas não estavam gravados em todas as posições, o que poderia acarretar erros nos ataques e contra-ataques realizados entre os contendores. Após um requerimento feito por intermédio dos oficiais de ligação das FDI junto aos da UNIFIL, o componente militar passou a gravar a abreviatura UN em todas as suas posições.



Figura 7 – Vista de Base militar antes do conflito, sem gravuras da ONU nos tetos das instalações
Fonte: *Google Maps* (2024)

Inevitabilidade de restringir o movimento terrestre e aéreo de tropas

Durante o período de atritos entre os contendores, era importante limitar a saída de tropas, focando em manter apenas as atividades logísticas para que não houvesse falta de suprimentos. As operações aeromóveis foram canceladas em sua totalidade no período, pelo risco de abate de helicópteros, pois não havia como garantir a segurança do voo e dos tripulantes. Constituíram aprendizados para essas situações: o uso de meios aéreos somente com estrita coordenação com os contendores e o uso de viaturas blindadas para o transporte de pessoal.

Conclusão parcial quanto aos aprendizados de segurança de pessoal

Conclui-se parcialmente que as medidas de proteção de pessoal favoreceram a permanência

do componente militar da UNIFIL desdobrado, mesmo com um conflito em andamento. Essas medidas se configuraram como boas práticas para futuros desdobramentos brasileiros, contribuindo para os programas do EB, que podem identificar novas necessidades de materiais militares, além de possibilitar a atualização da doutrina militar de operações de paz no contexto dos ambientes de conflitos contemporâneos.

Aprendizados de higidez para a tropa

Importância de refeitórios com estrutura de proteção contra fogos

A alimentação em uma situação de tensão real é uma necessidade básica e que eleva o moral da tropa. Um aprendizado identificado foi a necessidade de que seria importante que os refeitórios

tivessem uma estrutura de *bunker*, ou que fossem subterrâneos e concretados para permitir a continuidade de seu funcionamento. O fechamento do refeitório principal da base gerava deficiências na alimentação da tropa por longos períodos, obrigando o consumo de rações, implicando diretamente na higidez da tropa, sendo uma prática a ser considerada para futuros desdobramentos de contingentes.

Importância de áreas de lazer com estrutura de proteção contra fogos

Da mesma forma que os refeitórios, era inviável o uso das áreas de lazer coletivas com segurança durante os bombardeios e nos seus intervalos, pois não havia proteção adequada. Assim, os servidores civis que conduziam as atividades se ausentavam e os locais eram fechados. A principal área de lazer que deveria ser mantida era a do ginásio, destinado para atividades físicas, pois era algo que aumentava o bem-estar dos militares desdobrados. Isso implica diretamente o moral e a saúde mental das tropas, que, com o início do conflito, tiveram todas suas atividades de lazer cortadas abruptamente, sendo boa prática estabelecer tais estruturas com proteção contra fogos.

Dever de presença das lideranças da missão em toda a área de operações

A visita de autoridades civis e militares com funções de chefia e comando às instalações e às bases gerava um convencimento de que a presença naquela situação era nobre e importante para gerar a paz entre os contendores. Os exem-

plos de liderança empática com os subordinados ajudaram muito nesse tipo de conflito continuado. Por outro lado, uma liderança baseada na cobrança excessiva dos subordinados, sem flexibilidade, gerava mais tensão ainda, prejudicando o bom ambiente de trabalho. Isso foi observado em algumas ocasiões, servindo de experiência para futuras lideranças de contingentes do EB.

Importância de manter os cultos religiosos

Os cultos religiosos dentro das bases desdobradas eram atividades que geravam conforto espiritual à tropa e ajudavam aqueles que exerciam sua atividade religiosa a se sentirem mais convictos de sua importância na missão. A manutenção desses cultos durante os intervalos dos bombardeios e a construção de locais para cultos religiosos são aprendizados que podem ser considerados para desdobramentos de bases militares em missões de paz, os quais contribuem para a geração da higidez das tropas.

Imprescindibilidade da liderança empática

O ambiente de trabalho gera tensão pelas várias horas despendidas nos *bunkers*, sendo necessárias ações para aliviá-la. Uma ação positiva por parte do chefe do Estado-Maior (EM) da BRILIB foi distribuir camisas personalizadas com o capacete da ONU e com o posto/graduação mais nome de guerra de cada militar, para os integrantes do *bunker* nº 4, que eram, na maioria, membros do EM, gerando espírito de corpo entre os militares junto ao mais antigo presente.



Figura 8 – Chefe da missão e comandante da Força da UNIFIL, major-general Aroldo Lázaro em visita à posição nepalesa 8-33 ao longo da *Blue Line*, que foi atacada em uma troca de disparos
Fonte: Gorriz (2023)



Figura 9 – Camisa distribuída aos membros do *bunker* nº 4 e vista interna da instalação
Fonte: Costa (2023)

A necessidade de ventilação dentro dos bunkers

O ambiente interno dos *bunkers* era considerado insalubre, uma vez que não havia ventilação natural. Somava-se a isso o fato de que, no início do conflito, a ocupação do pessoal ainda precisa-

va ser melhorada, para não haver superlotação em alguns deles. Isso gerava muito incômodo aos militares e também facilitava a transmissão rápida de vírus adquiridos durante a missão. O aprendizado é que os *bunkers* devem receber ventilação de dentro para fora, gerando mais higidez às tropas.



Figura 10 – Visualização de *bunker* ocupado com lotação
Fonte: Espanha (2023)

A obrigatoriedade de medidas de higiene práticas nos refeitórios

Uma boa prática identificada durante os atraços entre os contendores foi o uso de bandejas de alumínio cobertas com outras descartáveis

de plástico duro, gerando melhor higienização no consumo dos alimentos. A prática contribuía para a saúde da tropa, evitando problemas intestinais, pois era necessário comer de forma rápida para voltar aos *bunkers*, e não havia pessoal suficiente para lavar pratos e utensílios.



Figura 11 – Bandeja de alumínio coberta com moldes de plástico duro
Fonte: Costa (2023)

A importância do acionamento do plano de segurança com seletividade

No início do conflito, o plano era acionado por qualquer razão pelo quartel-general em Nacoura, longe da base espanhola, o que gerava cansaço físico e mental à tropa. Com o decorrer do tempo, aprendizados foram adquiridos sobre quando se devia realmente acionar o referido plano, e este passou a ser acionado pelo próprio comando da brigada espanhola, com o controle do COT, com base nas informações recebidas do quartel-general, de suas tropas desdobradas, dos radares e dos oficiais de ligação junto ao lado israelense e libanês. O acionamento tornou-se mais seletivo, com maior comprometimento da tropa, sendo boa prática a ser seguida.

A utilidade de antecipar os trabalhos de EM dentro do bunker

Os militares brasileiros, mesmo com o início do conflito, continuavam com suas atividades na medida do possível, pois era necessário intercalar o trabalho de EM e operativo com o de abri-

gar-se para proteção durante os bombardeios. A rotina de trabalho tornou-se extenuante, pois as metas diárias tinham que ser cumpridas independentemente das várias horas passadas dentro dos *bunkers*. Constituiu boa prática levar *notebooks* ou *tablets* para antecipar os trabalhos de EM já dentro dos *bunkers* que tivessem acesso à internet, evitando levar trabalho para fora do período obrigatório de permanência nos abrigos. A execução do trabalho no *bunker* não era confortável, no entanto possibilitava horas de descanso após a saída do abrigo, sendo um aprendizado para o descanso necessário das tropas.

A imprescindibilidade da manutenção da rede de internet ativada

O acesso à internet era fundamental para os poucos momentos livres dos militares na fase do conflito intenso, pois permitia que os militares acessassem familiares e amigos, contribuindo para diminuir a tensão da rotina diária da base. Isso constituiu boa prática: a aquisição de internet gratuita para todos os militares, independen-

temente das aquisições de pacotes extras de outras partes.

A importância da comunicação do comando com a tropa

A comunicação do comando com a tropa era essencial. O sênior de cada país-representante era o militar que participava das reuniões, recebia os *briefings* de todos os assuntos do EM da brigada e depois repassava para os integrantes de seus países. Isso gerava uma consciência situacional do pessoal, melhorando a estabilidade emocional do grupo. A avaliação de risco sobre as principais possibilidades de ameaça dentro da área de operações também era compartilhada diariamente na reunião matinal, o que favorecia o conhecimento real do que poderia acontecer naquele dia e uma preparação psicológica prévia mais adequada.

O revezamento de militares desdobrados em bases avançadas para descanso

O retraimento foi uma medida adotada para proporcionar o descanso necessário aos militares que estavam junto à linha de fronteira entre Israel e Líbano. Esses militares permaneciam períodos mais longos nos *bunkers* do que na base da brigada, por haver mais incidentes decorrentes do conflito. Dessa forma, houve rodízio entre eles de permanência na posição, sendo retraída uma parte para a Base Miguel de Cervantes, onde eram alojados e redistribuídos em *bunkers* com mais espaço, proporcionando o descanso mental necessário para o retorno, em rodízio, às posições avançadas.

A necessidade de preparação prévia dos militares e dos *bunkers*

No início do conflito, cada militar foi aprendendo como lidar melhor com a situação e estar

de posse de uma mochila com materiais úteis, como uma garrafa de água, ração ou alimentos de fácil consumo, como barras de proteínas, um *notebook*, uma esteira para colocar sobre o banco de madeira, fones de ouvido, livros, enfim, tudo aquilo que o militar julgasse útil para passar o tempo no abrigo da melhor forma possível. Isso ajudava a manter o bem-estar e o equilíbrio emocional.

Além disso, as tropas de engenharia, com o passar do tempo, foram preparando melhor os *bunkers* com a armazenagem de suprimentos, como garrafas de água potável, rações, cabos, tomadas de energia elétrica e sistema de telefonia fixa, os quais possibilitavam a permanência prolongada conforme a necessidade da troca de bombardeios entre os contendores. Com o passar do tempo, no entanto, os mantimentos foram se acabando, tendo sido tomadas outras ações para que o pessoal pudesse se alimentar durante o período de permanência em *bunkers*, como a saída para ir, em 15 minutos, ao refeitório da base. Aprendizados úteis para futuros contingentes.

A utilidade de divulgar o plano de evacuação da missão

Além do plano de evacuação da base espanhola, as embaixadas dos países dos componentes militares também tinham seus planos de evacuação para seus militares. O adido do Brasil providenciou seu próprio plano de evacuação, de forma a cobrir o contingente do Brasil em uma eventual evacuação necessária da área de operações, dobrando as possibilidades de evacuação, o que gerava mais tranquilidade nos militares dos diversos países. Nesse sentido, é fundamental a disponibilidade de meios essenciais para situações de contingência, como telefone satelital com crédito e outros meios de comunicação.

A importância dos militares da área de psicologia na base

A base contava com um oficial da área de psicologia para acompanhar os militares durante a missão. Esse acompanhamento era realizado por meio de instruções periódicas programadas, bem como consultas individualizadas. Com isso, o Comando da Brigada Multinacional do Setor Leste era capaz de manter elevada a motivação dos militares e o foco na missão, contribuindo para o grau de higidez da tropa, mesmo com a alta intensidade do conflito. Uma boa prática seria aumentar a presença de oficiais dessa área para esses momentos de conflitos.

A imprescindibilidade de manter os serviços de vendas internos à base

Havia uma feira interna na base uma ou duas vezes por semana, que vendia produtos locais úteis aos militares, como alimentos, eletrônicos e roupas, fomentando a economia local. Além desses serviços prestados por civis externos, havia o prestado por civis contratados, de barbearia, de artigos militares, de produtos de higiene pessoal, de fisioterapia, de educadores físicos e de serviços de cantina e restaurante. A busca por manter tais serviços em andamento é uma prática que contribui para o bem-estar dos militares da base, especialmente nos momentos de maior intensidade dos conflitos.

Conclusão parcial quanto aos aprendizados de higidez para a tropa

Infere-se, parcialmente, que a geração de higidez para a tropa é fundamental em cenário de conflito ativado para uma operação de paz da ONU. A higidez favorece a resiliência das tropas de diversas culturas a manter a posição, evitando também a repatriação de militares. Constitui-se

exemplo a ser considerado para futuros desdobramentos brasileiros em termos de bem-estar da tropa e de liderança por parte de seus comandantes designados junto aos subordinados.

Considerações finais

O conflito entre Israel e as forças paramilitares existentes na parte sul do Líbano gerou aprendizados relacionados ao grupo de medidas de segurança de pessoal e à higidez de tropas em bases militares da UNIFIL.

Em síntese, pode-se concluir que, para esse tipo de operação de paz, as medidas de proteção e de geração de higidez são essenciais para o componente militar manter suas posições com moral elevado, já que não estão ali como parte da guerra, mas como arrefecedores das tensões existentes, sendo muito importante os aprendizados colhidos, particularmente para futuros desdobramentos de contingentes.

Verificou-se que os aprendizados de segurança de pessoal podem ser úteis para futuros desdobramentos, para a evolução da doutrina de operações de paz e para o aperfeiçoamento da Indústria de Defesa Nacional e PEEx específicos (SISFRON, OCOP, ASTROS e de Defesa Antiaérea), em face das evoluções dos conflitos armados contemporâneos.

As experiências de higidez da tropa mostram, ainda, a importância de gerar condições aos militares de suportar as adversidades por períodos longos de seis meses a um ano de missão. Essas experiências constituem-se boas referências para futuros desdobramentos de forças militares da F Ter brasileira em operações internacionais de paz e de liderança de seus comandantes junto às tropas.

Por fim, os aprendizados e as experiências de correntes de tais missões com a participação de contingentes brasileiros ou de militares em caráter individual devem ser incentivados a ser registrados para que sirvam de boas práticas e lições

aprendidas para futuros empregos de tropas do EB em missões de paz dentro de áreas de operações sob conflito armado. 

Referências

BRASIL. Acordo Técnico entre o Ministério da Defesa do Reino da Espanha e o Ministério da Defesa da República Federativa do Brasil. Integração de militares do Exército Brasileiro no contingente espanhol no Setor Leste da Brigada Multinacional desdobrada no sul do Líbano nas Forças Interinas das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL), 2020.

BRASIL. Relatório Final de Missão do 18º Contingente Brasileiro. 2023.

BRASIL. Relatório Final de Missão do 19º Contingente Brasileiro. 2024.

ESPAÑA. Seção de Informações Públicas. **Livro da Brigada Líbano nº XXXIX.** 2023.

GORRIZ, Pasqual. Fotos da UNIFIL no Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/unifil/53333875968/>. Acesso em: 16 jan 2024. 2023.

LIBRE, Hidalgo. **Una «nueva» misión de paz.** Ejército: Revista del Ejército de Tierra español, Madrid, n. 990, p. 70-75, mayo/junio, 2024. Disponível em: https://publicaciones.defensa.gob.es/media/downloadable/files/links/e/j/ejercito_990.pdf. Acesso em: 17 jan 2024.

McDOUGALL, John. **El liderazgo empático – Cómo comprender el dominio humano.** Military Review, Espanha. Segundo trimestre, 2020.

NAÇÕES UNIDAS. UNIFIL. Escritório de Informação de Imprensa. Kit de Imprensa, Líbano, 2024.10p.

NAÇÕES UNIDAS. Resolução do Conselho de Segurança nº 425 e 426, de 19 de março de 1978.

NAÇÕES UNIDAS. Resolução do Conselho de Segurança nº 1.701, de 11 de agosto de 2006.

NAÇÕES UNIDAS. Resolução do Conselho de Segurança nº 2.749, de 28 de agosto de 2024.

NAÇÕES UNIDAS. Carta das Nações Unidas, Capítulo VI, 1945.